

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JAELSON FLORÊNCIO DOS SANTOS

**COMUNIDADE SÍTIO ROLAS: A CONQUISTA DO RECONHECIMENTO COMO
COMUNIDADE QUILOMBOLA**

Delmiro Gouveia

– AL 2022

JAEISON FLORENCIO DOS SANTOS

**COMUNIDADE SÍTIO ROLAS: A CONQUISTA DO RECONHECIMENTO
COMO COMUNIDADE QUILOMBOLA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade
Federal de Alagoas – Campus do Sertão,
como pré-requisito para obtenção do
título de Licenciado em História.

Delmiro Gouveia - AL

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

Jaelson Florêncio dos Santos

COMUNIDADE SÍTIO ROLAS: A CONQUISTA DO RECONHECIMENTO COMO COMUNIDADE QUILOMBOLA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Licenciatura
Plena em História da Universidade Federal
de Alagoas – Campus do Sertão, como pré-
requisito para obtenção do título de
Licenciado em História.
Aprovado em 17/11/2022.



Profa. Dra. Sheyla Farias Silva- UFAL (Orientadora)

Banca Examinadora:



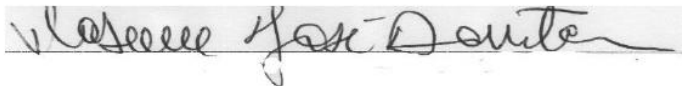
Documento assinado digitalmente

VAGNER GOMES BIJAGO

Data: 18/11/2022 10:01:26-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Me. Vagner Gomes Bijagó - UFAL



Prof. Me. Vladimir José Dantas – UFPE/SEDUC-AL

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus e aos Santos por concederem a mim força e determinação para alcançar essa vitória e ao mesmo tempo permitir a graça de vivenciar a experiência de passar pela universidade e vencer inúmeras batalhas até alcançar esse tão sonhado objetivo. A minha família, em especial, minha esposa Saara e minha filha Isa e a meus pais Pedro e Aurelina por todo apoio e incentivo principalmente nos momentos de dificuldades.

A minha orientadora profa. Dra. Sheyla Farias por todo poio e orientação tendo em vista o acompanhamento a atenção sempre que necessário no desenvolvimento deste trabalho, além de tudo me motivar e fazer acreditar mais e mais na possibilidade da realização desse trabalho, muito, muito obrigado.

Agradeço também aos meus companheiros de curso, que no decorrer dos períodos tiveram uma participação valiosa na minha caminhada me motivando e ao mesmo tempo sendo parceiros nos momentos de incertezas não me deixando desistir. Em especial aos companheiros Marcos Serafim, José Eugênio, Wesley e Vanessa.

Agradeço ainda aos professores do curso de licenciatura em História do Campus do Sertão, que foram verdadeiros parceiros no de correr do ensino na questão dedicação e transmissão de conhecimento.

A banca examinadora que se disponibilizou em compartilhar junto a minha pessoa esse momento de grande importância.

As pessoas da comunidade Quilombola Sítio Rolas, pela disponibilidade em conceder as entrevistas, em destaque aos três anciões, Pedro, Elias e Maria Bezerra, aos demais entrevistados pela colaboração desse trabalho.

Em suma, meus eternos agradecimentos a todos que de alguma forma contribuiu para com a realização desse trabalho, que se diga de passagem transformou minha vida. Meus sentimentos se resumem em uma frase: gratidão a todos.

RESUMO

Esta pesquisa buscou analisar, a partir de entrevistas e levantamentos de dados junto aos moradores, a conquista do título de comunidade remanescente de quilombo pelos habitantes do Sítio Rolas, situado no Município de Pariconha, Estado de Alagoas, enfatizando as memórias e narrativas orais ocorrentes na comunidade, além de alguns artefatos que lá existem; e ao mesmo tempo buscando relatar de acordo com as informações colhidas na comunidade, seu histórico como também parte do processo de lutas da mesma na obtenção da sua certificação como povos remanescentes quilombolas, tendo além da auto identificação proclamada pelos seus habitantes como quilombolas, também suas práticas culturais. Para tanto, estabelecemos o seguinte objetivo analisar as especificidades culturais que caracterizam a Comunidade Sítio Rolas como quilombola, e pelo reconhecimento formal. Logo, nosso percurso metodológico foi organizado de maneira a encontrar possíveis respostas acerca das inquietações e determinações delineadas até então. Para isso, a pesquisa de campo foi realizada numa comunidade que guarda uma riqueza de culturas tradicionais de descendentes quilombolas, localizada na Zona Rural do Município de Pariconha - Alagoas. Portanto, a pesquisa aqui apresentada tem o intuito de fazer um estudo a partir de questionamentos, entrevistando os moradores representantes, destacando as lideranças da comunidade Rolas de forma qualitativa, demonstrando as necessidades de conhecer e manter essa cultura através de forma participativa pelo incentivo e a busca por novos conhecimentos sobre este objeto de estudo.

Palavras-chaves: Pariconha-Alagoas; Quilombo; Memórias; Identidade Cultural.

RESUMEN

Esta investigación buscó analizar, a partir de entrevistas y levantamientos de datos con los habitantes, la conquista del título de comunidad quilombosa remanente por parte de los habitantes de Sítio Rolas, ubicado en el Municipio de Pariconha, Estado de Alagoas, enfatizando las memorias y narraciones orales que ocurren en la comunidad. , además de algunos artefactos que allí existen; y a la vez buscando relatar de acuerdo a la información recabada en la comunidad, su historia así como parte del proceso de luchas de la misma en la obtención de su certificación como remanentes de pueblos quilombolas, teniendo además de la autoidentificación proclamada por sus habitantes como quilombolas, también sus prácticas culturales. Por lo tanto, establecimos el siguiente objetivo para analizar las especificidades culturales que caracterizan a la Comunidad Sítio Rolas como quilombola y para el reconocimiento formal. Por ello, nuestro recorrido metodológico se organizó con el fin de encontrar posibles respuestas a las inquietudes y determinaciones esbozadas hasta el momento. Para ello, la investigación de campo se llevó a cabo en una comunidad que guarda un acervo de culturas tradicionales de descendencia quilombola, ubicada en el Área Rural del Municipio de Pariconha - Alagoas. Por lo tanto, la investigación que aquí se presenta tiene como objetivo hacer un estudio a partir de preguntas, entrevistando a los pobladores representativos, destacando a los líderes de la comunidad Rolas de manera cualitativa, demostrando la necesidad de conocer y mantener esta cultura de manera participativa fomentando y buscando nuevos conocimientos sobre este objeto de estudio.

Palabras llave: Pariconha-Alagoas; Quilombo; Memorias; Identidad cultural.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	METODOLOGIA.....	10
3	OS QUILOMBOS NO BRASIL.....	12
	3.1 Quilombos Contemporâneos.....	14
	3.2 A Comunidade Quilombola Sítio Rolas.....	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	23
5	REFERÊNCIAS	25
6	ANEXOS.....	28

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca apresentar, a partir de entrevistas e levantamentos de dados junto aos moradores do Sítio Rolas, toda a questão da auto identificação ou seja o reconhecimento da própria identidade manifestada pelos habitantes da comunidade Sítio Rolas, como descendentes de pessoas escravizadas que fundaram aquele lugarejo situado no Município de Pariconha, Estado de Alagoas. Valendo salientar que a questão quilombola é uma temática já explorada por vários historiadores renomados como Domingues & Gomes (2013), que na obra intitulada História dos Quilombos e Memórias dos quilombolas no Brasil os mesmos destacam que, desde as últimas décadas do século XX, o debate sobre a reforma agrária tem se articulado com temáticas da questão racial, em particular das comunidades negras rurais e remanescentes de quilombos. No decorrer da pesquisa podemos perceber, outros trabalhos elaborados por historiadores adentrando a essa questão, como a Elisângela de Jesus Furtado de Silva, com a obra intitulada, Histórias de auto identificação do quilombo. Luzes: tensões, disputas e contradições o qual faz um respaldo sobre as comunidades quilombolas em um cenário de racismo estrutural, o qual perpassaram um processo violento de apagamento e invisibilização. (SILVA, 2019).

No caso do Sítio Rolas se fez necessário enfatizar as memórias e narrativas orais ocorrentes na comunidade, além de alguns artefatos antigos e testemunhos além das práticas culturais que lá existem e dentro desse trabalho exploramos também por meio de entrevistas a história da comunidade a partir do seu surgimento até os tempos atuais, também com esse trabalho podemos compreender como foi o movimento de luta que levou a comunidade a alcançar a sua certificação como remanescente de quilombo; e para isso foi preciso trilhar um percurso que teve início em 2011.

Essas manifestações culturais acima citadas que existem nessa comunidade são de importância primordial no que se refere ao pertencimento étnico, levando em consideração os seus eventos que ocorre todos os anos naquela comunidade e que nesse pressuposto podemos observar nesses eventos, músicas, comidas típicas como o mungunzá salgado, o arroz doce e o caldo de macaxeira; além da culinária existem também as práticas esportivas como o tiro com arco e o tiro com a besta. Dentro desse campo, estudamos também suas reivindicações pelo reconhecimento como povos tradicionais quilombolas e podemos

destacar que essa conquista alcançada pelo povo Rolas se assemelham aos movimentos de lutas ocorrentes no Brasil; precisamente a partir do pós constituição de 1988, quando na oportunidade foi incluso a possibilidade de reconhecer as comunidades descendentes de escravizados como quilombolas, no intuito de assegurar a esses povos, políticas de inclusão social e reconhecimento histórico, sendo criado um órgão para dar suporte a esses povos. Esse órgão de amplitude federal foi criado junto ao Ministério da Cultura para promover, preservar e disseminar a cultura afro-brasileira: A fundação Palmares.

Nessa conjuntura, vale destacar que a comunidade estudada se enquadra nas realidades das comunidades contemporâneas diferentemente dos quilombos existentes entre os séculos XVI e XIX, que nesse período era um contexto de realidade diferente da atualidade visto que os quilombos do período citado buscavam de forma objetiva a luta pela liberdade. Na atualidade, os chamados remanescentes de quilombos têm como alternativa sobreviver sendo em sua maioria, resistir nas margens territoriais e também manter suas práticas culturais e religiosas dos seus ancestrais.

Se antes o quilombo era visto como resistência ao processo de escravidão do negro, a partir dali ele se converteu em símbolo, não só de resistência pretérita, como também de luta no tempo presente pela reafirmação da herança afro-diaspórica e busca de um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica e cultural. (DOMINGUES & GOMES, 2013, p. 10)

Esta pesquisa situa-se no paradigma da história oral com método fundamentando a partir de diálogo com fontes de pesquisa relacionadas ao trabalho realizado. Para essa finalidade, a tradição oral entra como mecanismo primordial, se tornando algo irrelevante no desenvolvimento do trabalho visto que por meio da mesma torna-se possível manter as transferências de narrativas históricas e culturais, levando em conta que a tradição oral é uma cultura material transmitida oralmente de uma geração para outra de forma permanente (MEIHY, 2007) e valendo destacar também que essa prática cultural está inserida tanto nas áreas rurais como também nas áreas urbanas; sendo um mecanismo de grande importância para a manutenção das histórias de um determinado povo e a comunidade estudada é um exemplo claro desse mecanismo. E nesse caso, consideramos que na comunidade estudada as únicas fontes existentes são fontes orais, e buscamos situar nossa pesquisa nesse campo.

Ainda que seja comum o uso da tradição oral em grupos fechados, como tribos ou clãs que afrontam à modernização, é possível fazer trabalhos de tradição oral em sociedades urbanas, industrializadas, em que a resistências

aos padrões dominantes exige ritualização de práticas ancestrais. (MEYHI & HOLANDA, 2007, p. 42)

Esta pesquisa é de grande importância no âmbito acadêmico, uma vez que o registro de fontes orais foi publicado, possibilitando assim atrair mais pesquisadores a focar trabalhos voltados a esse tema. Outra questão importante agora para a comunidade e que com esses registros e publicações aumentará a possibilidade de manter vivas as narrativas orais existentes naquele Sítio. Outro fator a ser destacado é a conjuntura social, uma vez que a história de uma pequena comunidade tornará público e acessível em relevância nacional.

Por meio deste trabalho conhecemos todo o processo que possibilitou a conquista da comunidade Sítio Rolas como descendentes de quilombo, e também parte de sua história. Além das suas manifestações culturais; tendo em vista que seus habitantes por meio de muitas lutas que durou vários anos, vindo alcançar recentemente a tão sonhada certificação, municiando assim a manutenção de suas memórias coletivas e ao mesmo tempo práticas culturais como os eventos tradicionais que renovam as memórias da comunidade e que acontecem anualmente fortalecendo o sentimento étnico dos seus membros. Além do mais, essa tão valiosa conquista motivou esses remanescentes quilombolas a se organizarem por meio de uma associação no intuito de buscar seus direitos civis e também a possibilidade de organizar projetos para desenvolver a comunidade. Em relação a projetos, a comunidade foi contemplada a algum tempo atrás com um programa ligado a internet para todos, no qual todos da comunidade foram contemplados. Conforme Almeida e Santana (2012, p. 08)

A memória coletiva se apresenta na estrutura organizacional da comunidade quilombola constituindo-se como elemento importante de tradição das lembranças e das histórias do grupo, já que são atualizadas nas interações sociais cotidianas.

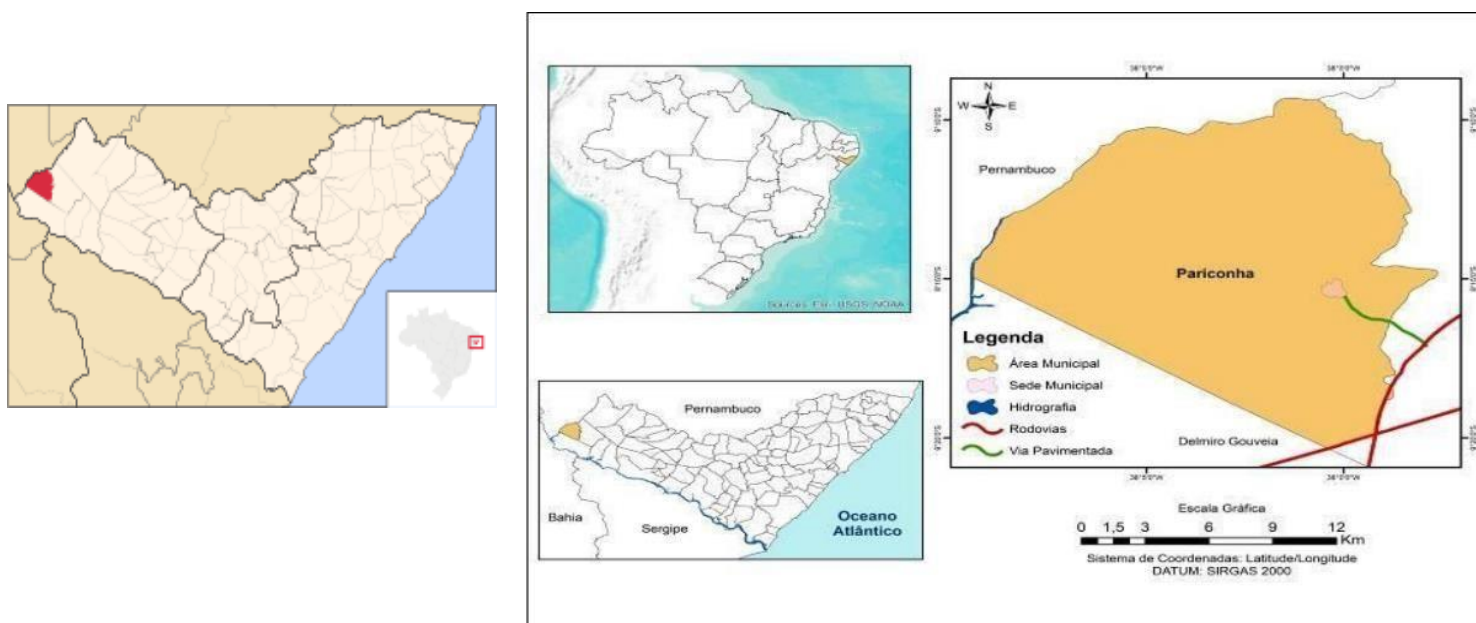
À vista disso, a pergunta que direcionará a minha pesquisa é: Como a comunidade Sítio Rolas, através da oralidade, manteve seus costumes culturais e identidade quilombola auto afirmada?

Considerando a problemática anteriormente respaldada, objetivamos analisar as especificidades culturais que caracterizam a Comunidade Sítio Rolas como quilombola, e pelo reconhecimento formal. Para tanto, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a)

analisar as narrativas que relatam a história dos remanescentes quilombolas; b) identificar as lutas pelo reconhecimento pela identidade cultural e social.

Logo, nosso percurso metodológico foi organizado de maneira a encontrar possíveis respostas acerca das inquietações e determinações delineadas até então. Para isso, a pesquisa de campo foi realizada numa comunidade que guarda uma riqueza de culturas tradicionais de descendentes quilombolas, localizada na zona rural do município de Pariconha – Alagoas (cf. figura 1). Com a observação utilizando da oralidade, por meio dos discursos dos entrevistados foi possível compreender que ao longo da história que marca essa comunidade, a narrativa sobre a mesma foi mantida de geração a geração. Além disso utilizamos também registros fotográficos das manifestações culturais e religiosas desse povo, além de registrar por meio de fotos objetos antigos pertencentes aos primeiros moradores do Sítio, como patuá, oratório, jarra de barro e banco usado para as realizações de curas através de orações e benzeduras.

Figura 1: Mapa do Estado de Alagoas delimitando o município de Pariconha.



Fonte: SILVA, 2021.

Além da pesquisa de campo, foi elaborado questões adentrando no campo metodológico da história oral, destacando as fontes orais e com o intuito de buscar identificar as concepções que esses entrevistados possuíam sobre alguns conceitos relacionados à autoafirmação de pertencimento étnico racial como por exemplo as afirmações dos mesmo como remanescentes de quilombo. Outra explanação e sem dúvida o entusiasmo dos

moradores ao se disporem a relatar a história dos seus antepassados buscando retransmitir de forma coerente aquilo que está na memória coletiva pertencente ao povo daquele Sítio. “A memória é em parte, herdada, não se refere apenas a vida física da pessoa”. (POLLAK, 1992, p. 204). Portanto, a pesquisa aqui apresentada tem o intuito de fazer um estudo a partir de questionamentos, entrevistando os moradores representantes, destacando as lideranças da comunidade Rolas de forma qualitativa, demonstrando as necessidades de conhecer e manter essa cultura através de forma participativa pelo incentivo e a busca por novos conhecimentos sobre este objeto de estudo.

2 METODOLOGIA

No que se refere a metodologia aplicada, esse trabalho foi desenvolvido em uma comunidade localizada no município de Pariconha, Estado de Alagoas quando na oportunidade, foi desenvolvida uma pesquisa de revisão bibliográfica, expondo as principais questões propostas por diferentes pesquisadores/as acerca da História de comunidades tradicionais e também se tratando dos direitos referentes aos remanescentes quilombolas.

Para isso iniciei o meu trabalho, observando a estrutura da comunidade e também assistindo e participando dos seus eventos; isso porque eu também sou membro da comunidade e, portanto, estou inserido em praticamente todo seu contexto histórico e cultural. Assim também em seus anseios na busca por melhorias. Posteriormente iniciei as entrevistas e foi por meio da mesma que encontrei mais objetividades naquilo que estava a procurar. No desenvolver dos trabalhos procurei aplicar de forma qualitativa, as entrevistas aos membros da comunidade e ao mesmo tempo utilizei a pesquisa participante para melhor analisar as informações coletadas. As entrevistas foram aplicadas aos habitantes mais vividos da comunidade, buscando dar total liberdade aos mesmos para relatar suas informações e conceder registrar fotografias dos seus artefatos antigos pertencentes aos seus antepassados, conforme a pesquisa participativa foi possível esclarecer a trajetória dos primeiros habitantes e a luta dos seus descendentes pelo reconhecimento da comunidade quanto identidade afrodescendentes, que no decorrer do tempo segundo seus moradores foi um processo que exigiu paciência e determinação.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, torna um mecanismo que busca estudar e entender tudo aquilo que estar em observação. Visto que esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador um contato direto com a realidade na qual o objeto de estudo está inserido através de um trabalho ativo em campo. Deste modo:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamentos (OLIVEIRA, 2012, p. 59)

Assim, a abordagem qualitativa não se restringe a uma pesquisa descrita apenas por números. Mas, aborda as singularidades, os gestos, palavras e ações dos sujeitos reveladas nos contextos em que atuam (LUDKE & ANDRÉ, 2012).

Também na Pesquisa participante da qual dentro dessa metodologia o pesquisador busca envolver a comunidade a observar sua própria realidade e junto com seus membros detectar problemas e ao mesmo tempo discutir resoluções. E dentro desse panorama, podemos abranger de forma coerente o método de coletar informações, tendo em vista que dentro desse campo ocorre a possibilidade de envolver necessariamente a participação, tanto da pessoa que realiza a pesquisa no local, quanto dos sujeitos que estão inseridos no processo da pesquisa.

A pesquisa participante abriga um sem-número de discursos e práticas de pesquisa qualitativa em ciências humanas: matrizes e modelos de pesquisa reivindicam o termo que, historicamente, foi se desdobrando em tendências ou linhas teórico-metodológicas que, embora aparentadas, apresentam singularidade que as distinguem (SCHMIDT, 2005, p. 13)

Através da observação realizada no desenvolvimento da pesquisa buscamos perceber se as narrativas produzidas pelos moradores são condizentes com as práticas culturais desenvolvidas na comunidade. Considerando que:

A observação ajuda o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. É o ponto de partida da investigação social (MARCONI & LAKATOS, 2011, p. 76).

Quanto as questões de pertencimento como povo tradicional, é perceptível que a comunidade, em sua maioria, se autoafirma como remanescentes quilombolas, além disso seus membros ao tomarem conhecimento da possibilidade de serem reconhecidos e terem a oportunidade de lutar pelos seus direitos; organizaram um movimento e passaram a reivindicar a certificação enviando o mesmo para a Fundação Palmares. Depois de analisar a documentação, o órgão competente Fundação Palmares aprovou e certificou a comunidade como remanescente de quilombo, e essa certificação confirma e reconhece de forma originária o reconhecimento como povos tradicionais quilombolas. Além disso o roteiro de entrevista abaixo contém nove questões e foi aplicado a três pessoas da comunidade Luiz Florêncio dos Santos, Manuel Cícero dos Santos e Maria Selma dos Santos, abordando questões como por exemplo o surgimento da comunidade assim também, o porquê da sua autoafirmação e as lutas que a comunidade enfrentou e enfrenta nos dias atuais. Entretanto foi possível estender o trabalho de pesquisa com outros moradores do local.

3 OS QUILOMBOS NO BRASIL

Em relação aos demais quilombos existentes do Brasil podemos perceber que com a chegada dos negros ao Brasil de forma comercializada para trabalhar na mão de obra escrava, iniciou-se o processo cultural e a miscigenação dos povos (HOLANDA, 1995). E isso se deu por conta de um fator determinante para a manutenção da economia daquele período, uma vez em que os negros africanos, eram tratados como mercadoria sendo assim uma das principais atividades comerciais dos países europeus na época. Durante o período escravocrata no Brasil, entre os séculos XVII e XVIII, os negros ao fugirem, refugiavam-se em locais escondidos em meio às matas, fortemente protegidas (BACELAR, 1999). Além do que foi relatado, em relação as formas de resistências por parte dos escravizados, ocorriam também em rebeliões, assassinatos e em outros casos o suicídio, ou seja, tirar a própria vida também era uma forma de resistir a opressão. Porém movimentos de revoltas ganharam destaque a nível nacional, como por exemplo a revolta do malês que surgiu em Salvador Bahia ainda no século XIX, sendo considerado o maior movimento de revolta organizado por pessoas escravizadas no Brasil.

Os locais ao qual se refugiavam eram distinguidos como quilombos. Nestas comunidades, viviam de acordo com sua cultura tradicional, plantando e produzindo segundo suas necessidades. No período colonial, o Brasil chegou a ter centenas de grupos espalhados, principalmente, pelos atuais Estados que compõe a região Nordeste (MOURA, 1983); (O'DWYER, 2002).

Com a invasão holandesa em 1630 no território pernambucano, muitos dos senhores de engenho acabaram por abandonar suas terras (BOXER, 1961). Este fato beneficiou um grande número de escravos em fuga. Estes, após fugirem, buscaram abrigo no Quilombo dos Palmares, localizado no território alagoano.

Os quilombos, nos quais os escravos fugidos reconquistavam sua liberdade, podiam estar afastados de qualquer núcleo de colonização ou mais próximos de um arraial ou uma cidade. Nos mais isolados, os quilombolas viviam do cultivo da terra, da caça, da pesca, produzindo seus tecidos, seus potes, suas cestas, seus instrumentos de trabalho e armas. (SOUZA, 2008, p. 98)

Com isso, os quilombos representaram uma das formas de resistência e combate à escravidão (BACELAR, 1999); (MOURA, 1983). Rejeitando a antiga vida sofrida, os negros buscavam a liberdade de viverem com dignidade, mantendo a cultura e a tradição da sua terra, dando importante contribuição para a formação da cultura afro-brasileira. Com isso,

Para se falar sobre a cultura afro-brasileira não se poderia deixar de mencionar o período escravo que se constitui numa mancha difícil de apagar. É impossível se falar sobre a cultura dos negros, sua passagem pelo Brasil e seus dias atuais se não for escrito sobre a escravidão e suas consequências (LUNA, 1968, p. 16).

Com o tempo, os negros foram formando comunidades mantendo suas tradições adequando à realidade preservando a sua herança cultural. Segundo Fonseca (2009), foram os negros que contribuíram para civilização brasileira, sem eles não seria possível fazer, conservar e aumentar fazendas, nem manter o funcionamento dos engenhos e outros empreendimentos que exigiam trabalhos braçais (CASTRO, 1976). O negro, de certa forma, contribuiu com a cultura brasileira em seus vários aspectos, desde as artes, língua, religião, economia e indústria (CARDOSO, 1979). Ainda sobre a contribuição do negro na sociedade brasileira eles enriqueceram a culinária brasileira com vários cardápios, valendo destacar: o acarajé, o abará, a feijoada e o dendê; fora a culinária existe as danças e a capoeira.

3.1 Quilombos contemporâneos

Um ponto a ser explanado dentro da questão quilombola é o fato de que mesmo no pós 1888, ocorreram organizações de grupos sociais cuja suas identidades étnicas são diferentes do restante da sociedade, esses grupos são denominados quilombos contemporâneos, vivenciando uma conjuntura de vida diferente ao antes abolição. Entretanto a vida dos escravos pós abolição, continua difícil considerando que o preconceito por parte da sociedade branca era constante, além do mais o estado não concedeu nenhum suporte aos negros livres não organizando nenhuma medida de integração a sociedade, e com isso surge com frequência as migrações por parte dos ex escravizados por várias regiões do país a procura de melhores condições de vida. Essas diásporas eram realizadas em sua maioria por homens jovens simplesmente por terem condições físicas para o trajeto e nessas caminhadas vários negros fixavam em lugares considerados melhores para se viver e ali formavam os chamados quilombos contemporâneos.

Os grupos conhecidos como “comunidades remanescentes” ou “comunidades negras rurais” são compostos pelos descendentes dos escravos negros que, no processo de resistência à escravidão, organizaram grupos sociais que ocupam um território comum compartilhando características culturais até os dias de hoje (LEITE, 2000).

O quilombo constitui questão relevante desde os primeiros focos de resistência dos africanos ao escravismo colonial, reaparece no Brasil/república com a Frente Negra Brasileira (1930/40) e retorna à cena política no final dos anos 70, durante a redemocratização do país. Trata-se, portanto, de uma questão persistente, tendo na atualidade importante dimensão na luta dos afrodescendentes. (LEITE, 2000, p. 333).

As comunidades remanescentes se organizaram em torno dos seus grupos de famílias e com isso davam continuidade a questão da ancestralidade ocupando as terras pertencentes ao estado e geralmente isoladas, também em alguns casos adquiriam terras por meio de trocas de serviços prestados aos senhores fazendeiros. No caso da comunidade Rolas segundo relatos dos anciões o território onde hoje localiza a comunidade foi ocupado pelos primeiros moradores e depois foi legalizado pelo Incra.

A definição de quilombo, como já citado acima, é o movimento de transição da condição de escravo para a de homem livre, porém nesse caso não estava adaptado a nova

realidade visto que a eles não foi dada nem uma preparação para encarar as dificuldades em diante. As comunidades são diferenciadas uma das outras, cada uma com sua realidade, as manifestações culturais também variam de comunidade para comunidade. Ocuparam a independência e desenvolveram diferentes estratégias de exploração em seus territórios (BARBOSA, 2002). No caso das estratégias de utilização dos territórios em alguns casos praticavam a agricultura de coivara, aquela destinada apenas ao consumo familiar, a caça e o extrativismo usando os recursos naturais.

O reconhecimento aos quilombolas veio por meio da Constituição Federal o que proporcionou o direito à propriedade de suas terras consagradas. A Constituição Brasileira de 1988, no artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), dedica aos remanescentes das comunidades o direito à propriedade de suas terras, ao destacar no Art. 68: Valendo destacar que esse reconhecimento aconteceu através de muitos anos de lutas sendo organizados inúmeros movimentos pautados a esse propósito. “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988).

As comunidades quilombolas tiveram também a garantia do direito à sustentação de sua cultura através dos artigos 215 e 216 da Constituição¹ (BRASIL, 1988). Desta forma, o direito dos quilombolas a terra está associado ao direito à preservação da sua cultura e organização social própria. Nisso, o Poder Público deverá fazê-lo respeitando as próprias formas que o grupo utiliza na ocupação da terra. Para que sejam protegidos e respeitados os modos de criar, fazer e viver das comunidades quilombolas é preciso garantir a propriedade cujo tamanho e características permitam a sua reprodução física e cultural (RIOS &

¹ **Art. 215** - O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

Art. 216.- Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

MATTOS, 2005). Contudo, em todo país as pessoas que compõe as comunidades remanescentes lutam para fazer valer o direito à propriedade de suas terras garantida pela Constituição Federal. “Segundo a constituição de 1988, caberia ao estado brasileiro reconhecer, certificar, demarcar e titular as terras das comunidades remanescentes de quilombos espalhadas de norte a sul do país”. (YABETA & GOMES, 2013, p. 79).

3.2 A Comunidade Sítio Rolas

A Comunidade Sítio Rolas, localizada na zona rural do município de Pariconha no alto sertão de Alagoas, conta atualmente com 39 famílias, das quais vivem basicamente da agricultura, sendo reconhecida em 2021. No entanto, foi a partir de 2011 que a comunidade despertou o interesse na obtenção do reconhecimento como remanescentes quilombolas, isso se deu do momento que três comunidades próximas com o histórico semelhante alcançaram as suas certificações mesmo sem ter práticas culturais atuantes. Com isso, foi organizado um grupo de pessoas da comunidade para requerer a certificação haja visto que na comunidade já existia as noites de novenas das quais os antepassados eram homenageados e logo depois foi organizado a documentação e enviada a Fundação Palmares, posteriormente depois de enviar toda documentação a comunidade recebeu a visita de um representante da fundação para realizar a visita técnica e após realizar as observações o representante encerrou a sua estadia na comunidade, deixando os seus habitantes na expectativa do resultado final.

Ainda sobre a certificação da comunidade, segundo seus habitantes foi alcançada através de muitas lutas, ou seja, muitas viagens e participações de várias reuniões inclusive fora da comunidade, e sendo um processo demorado visto que, a Fundação Palmares que é o órgão que analisa e certifica as comunidades tradicionais quilombolas, possui um protocolo de análise dos processos que requer um determinado tempo para dar o seu veredito. Porém segundo os entrevistados a comunidade no decorrer do tempo que esperava a certificação, manteve como de costume suas práticas culturais em constante atividade como seus eventos anuais e ao mesmo tempo todos ansiosos na expectativa do grande resultado; que veio com a graça de Deus no dia 22 de julho de 2021 sendo o mesmo publicado no diário oficial da união no dia 11 de agosto do mesmo ano. Contudo, vale destacar que após a promulgação da constituição de 1988 que assegura os remanescentes de quilombos, no território alagoano

Imagem 2 - Mapa das comunidades quilombolas em Alagoas (Atualizado até 2016)



19

comunidades quilombolas certificados no município de Pariconha somando no estado de Alagoas um total de 71 comunidades quilombolas certificados.

De acordo com seus moradores mais velhos, essa comunidade surgiu ainda no século XIX, tendo como um dos seus fundadores uma ex-escrava a senhora Ubalda Maria da Conceição que ainda segundo esses moradores, era oriunda da cidade de Currais dos Bois atualmente Nova Glória/BA). Segundo relatos de três moradores da comunidade que atualmente são os mais velhos do lugarejo, ‘mãe tubada’ como era chamada por eles foi trazida para servir a família Teixeira no ano de 1875. Ainda segundo esses anciões essa família citada era naquela época donos de grandes porções de terras e comercializavam animais na região, e trouxeram a Ubalda de Curral dos Bois como escrava para trabalhar em sua casa em troca da dormida e da comida. Tanto Elias de 82 anos, Pedro de 92 anos e Maria Bezerra dos Santos de 80 anos, afirmam que Ubalda (avó deles), a escrava citada serviu para essa família nessa época nas condições de trabalho existente nesse período, ou seja, como escrava literalmente, e que posteriormente já no ano 1890 ela conheceu um homem também negro chamado João que morava na região de Água Branca/AL e passaram a viver juntos no território que hoje a comunidade está localizada. Em relação a formação do comunidade os anciões relataram que o casal formado por João e Ubalda tinham o hábito de usarem roupas brancas, segundo eles por conta da questão religiosa, e eles usavam essas roupas tanto para irem as missas como também para irem a feira; e com isso eles foram apelidados como casal de rolinhas, (aves que existiam em abundância na região nessa época) visto que a região era menos populosa do que hoje e coberta por matas; e com o tempo o casal passou a ser chamado por o nome de “os rolas” e com o passar do tempo o nome da comunidade passou a ser chamado como Sitio Rolas. Mediante a essas informações encontradas nessa comunidade fica evidente que sua formação ocorreu através de duas pessoas que foram escravizados; algo semelhante ao que aconteceu em outros Sítios, quando na oportunidade também foram fundados por grupos de negros escravizados como explica em uma obra Domingues e Gomes (2013).

Diante dessas informações colhidas dentro dessa comunidade por meio da realização das entrevistas, podemos perceber claramente há existência de ligações com pessoas que vivenciaram um passado triste e humilhante, do qual os escravizados da época foram submetidos. E essa memória é cultivada e transmitida de geração a geração dentro da

comunidade. Entretanto, com o fim do período escravocrata, segundo relatos dos entrevistados, já nos anos seguintes após a Lei Áurea (1888), Ubalda conheceu João Florêncio, um homem negro que morava na região, e com ele formou-se uma família com seis filhos que se chamavam Manoel Florêncio, José Florêncio, Posidônio Florêncio, Ciriaco Florêncio, Sessaria da conceição e Maria da Conceição Florêncio.

Uma curiosidade a ser destacada era o apelido de José Florêncio tendo em vista que as pessoas chamavam o mesmo de Zé Rola por conta dos seus pais, além dele os demais irmãos também tinham o nome Rolas como apelido no caso do seu irmão Manoel, era chamado Mané Rola com isso o sítio que na época contava com seis casas era chamado os rolas. Além disso, a pesar da existência dos seis filhos do casal, a comunidade foi mantida por quatro famílias filhos de Ubalda chamados Ciriaco, Manoel, José e Posidônio Florêncio isso porque as suas irmãs Maria Cesária e Maria da Conceição não tiveram filhos.

Bom, no passado meu avô ele cultivava a cultura afro e possuía um terreiro com essas manifestações e hoje fazemos apresentações agente mermo. (Entrevistado 1)

Festa estas de padroeiro São José incluindo as noites dos quilombolas, com apresentações culturais. (Entrevistado 2)

No passado existiu cultura africana e hoje nós temos a festa do nosso padroeiro São José e a noite dos quilombolas com apresentações culturais. (Entrevistado 3)

Ainda segundo as afirmações desses moradores:

Ubalda e João tinham o hábito de usarem roupas brancas tanto para irem à cidade como também para irem a outro lugar, e com isso os seus amigos que moravam em lugares próximos chamavam eles de casais de rolinhas, que era uma alusão a aves de cor branca que existiam em abundância nessa região no fim do século XIX. Mediante a esse codinome com o passar do tempo João e Ubalda foram apelidados como as rolas, com isso a partir daí surge o nome da comunidade como Sítio Rolas (Entrevistado 1).

Ao longo do século XX, seus descendentes mantiveram as religiosidades dos seus antepassados como por exemplo as crenças de matriz africana que Ubalda acreditava e praticava, tendo um dos seus filhos, chamado José Florêncio um benzedor e praticante de cultura oriunda da África possivelmente terra dos pais de Ubalda. As rezas eram realizadas com pedras de sal bacia com água e em alguns casos um fogo aceso para esterilizar o seu

cutelo ou canivete que era usado para tirar caroços e verrugas das pessoas. De acordo com Pedro Florêncio, seu pai José Florêncio era muito conhecido na região por realizar curas nas pessoas e em animais com doenças através das suas rezas e seus trabalhos; ainda sobre esses relatos citados uma senhora conhecida na região como Jacira relatou que quando ela era criança presenciou sua mãe sendo curada de uma enfermidade por meio dos trabalhos feitos por José Florêncio.

Ainda sobre a história do Sítio, é notório perceber que os moradores conhecem a história da mesma, visto que quando questionados sobre o processo que culminou no surgimento da comunidade todos relataram praticamente as mesmas narrativas deixando evidente a permanência da memória histórica junto aquele povo exemplificando assim a importância da tradição oral. “Seguramente a mais difícil, intrincada e bonita forma de expressão da história oral é a tradição oral”. (MEYHI & HOLANDA, 2007, p. 42).

Nesse contexto histórico as práticas culturais cultivadas pelos primeiros habitantes como músicas, práticas esportivas e culinárias como mostradas em anexo, foram continuadas pelos seus descendentes sendo além das manifestações culturais e religiosa, também esses descendentes de escravos mantiveram as práticas culturais de subsistência como por exemplo a agricultura e a criação de animais para sua sobrevivência.

Vale salientar, que na atualidade esses descendentes de pessoas escravizadas que vivem no Sítio Rolas são assistidos pelo governo federal através de programas sociais como o “auxílio brasil” que atende a maioria dos moradores da comunidade com exceção dos poucos moradores que aposentados não trabalham e sobrevivem do seu aposento, na comunidade existe escola, porém fechada por não ter alunos suficientes, tendo que se deslocar para uma outra comunidade mais próxima. Outro ponto a ser relatado nesse trabalho é fato da comunidade mesmo já sendo certificada pela Fundação Palmares, ainda não ter território demarcado sendo uma realidade ocorrente na grande maioria das comunidades existentes no Brasil.

Em que pese um não desprezível acúmulo de forças e experiências catalizadora, o movimento quilombola ainda não foi plenamente atendido nas suas principais reivindicações: o fim das ameaças ou invasões aos seus territórios; o reconhecimento do direito à propriedade, conforme estabelecido pela constituição Federal; e a implementação de políticas públicas- para suprir a escassez de recursos, meios técnicos e infraestrutura. (TELLES *apud* DOMINGUES & GOMES, 2003:83, p. 16, 2013).

Diante desse histórico de pertencimento étnico que são as práticas culturais existentes e ao mesmo tempo suas afirmações como descendentes de escravos, o povo desse Sítio decidiram dar início a busca pelo seu reconhecimento, sendo uma decisão aprovada pela maioria dos moradores. E dentro dessa decisão coletiva a comunidade passou a se mobilizar de forma mais intensa na busca pelo alcance da tão valiosa certificação como comunidade descendente de quilombo, tendo em vista que a sua formação ocorreu por meio de pessoas escravizadas e seus moradores cultivarem as práticas dos seus antepassados, como eventos culturais todos os anos existentes na comunidade como a noite dos quilombolas e celebração afro que conta com apresentações de comidas pertencentes aos seus ancestrais.

Em relação a essas iguarias podemos destacar aqui a feijoada, o mungunzá salgado o tradicional arroz doce, além de manifestações culturais e práticas esportivas, que reforça ainda mais o sentimento de pertencimento étnico daquele povo que mesmo na contemporaneidade tendo sofrido interferências de culturas externas, a comunidade resiste e mantém um pouco dos valores deixados pelos seus antepassados vivos por meio dos eventos culturais que acontece todos os anos.

Além das questões culturais destacaremos aqui um fator interessante que é a religiosidade levando em consideração que mesmo sendo cristianizados e tendo uma igreja no local, esses descendentes de escravizados buscam incluir suas práticas culturais nos eventos cristãos como a festa do padroeiro São José Operário que acontece no dia 1º de Maio desde que a Igreja foi construída com a ajuda da comunidade em 2010.

Ainda em relação as manifestações culturais citadas acima, nesse dia é lido um breve relato histórico do surgimento da comunidade para os habitantes e participantes convidados.

Com isso, a memória local ganha força na questão pertencimento étnico levando em consideração que com esses conjuntos de práticas culturais e sua auto declaração como descendente de povos de quilombos, os diferenciam de alguma maneira dos demais grupos.

No entanto, todos em acordo comum, e obediência a um decreto, publicado em 2003² toda a comunidade passa a se identificar como descendente de quilombo, nisso perguntamos

² DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.

Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

aos entrevistados porque a comunidade se declara quilombola, incluindo as seguintes respostas:

Devido a nossa bisavó que foi uma escrava que veio da Bahia com destino a Mata Grande, ela foi criada pelo um pessoal daqui da região e conheceu nosso bisavô que era de Mata Grande aí surgiu nossa família da nossa bisavó que era escrava. (Entrevistado 2)

Pela descendência da fundadora que foi escravizada. (Entrevistado 3)

De acordo com as informações dos moradores, a comunidade enfrentou um período de luta na busca pelo reconhecimento, tendo seu histórico passado por análise pela Fundação Cultural Palmares e posteriormente vindo certificar a mesma como remanescente de quilombo, algo de grande valor para os moradores daquele pequeno luarejo que estiveram a partir de então a felicidade de ter sua história e suas lutas reconhecidas pelo principal órgão que rege o patrimônio afro-brasileiro, a Fundação Palmares.

Ainda segundo os moradores entrevistados, essa comunidade enfrentou inúmeras dificuldades no decorrer do tempo como ausência de energia elétrica e água potável, na atualidade esse Sítio luta por uma unidade de saúde e também calçamento em suas dependências; além da luta pela reabertura da escolinha que foi fechada há alguns anos, tendo os alunos da mesma que se deslocarem para outra comunidade. Por isso, ao serem entrevistados sobre essa questão observemos suas respectivas respostas:

Enfrentou a busca por energia e água. (Entrevistado 1)

É a luta sobre em questão dos nossos direitos né, energia água potável é outras coisas. (Entrevistado 2)

É lutar pela energia elétrica que na época usava candeeiro, água e a escola. (Entrevistado 3)

E mais ainda:

É agente luta por um posto de saúde e calçamento na comunidade. (Entrevistado 1)

As lutas é precisamos de lutar por um posto de saúde né calçamento saneamento básico que não tem ainda e precisamos muito. (Entrevistado 2)

Hoje enfrentamos a luta pelo um posto de saúde, um calçamento e a criação da associação quilombola da nossa comunidade. (Entrevistado 3)

No passado era tudo atrasado agora com um pouco de estudo tudo é diferente. (Entrevistado 1)

Antes a gente não tinha um conhecimento dos nossos direitos né então era mais difícil e hoje a gente tem mais informação dos nossos direitos e se torna mais fácil de conseguir nossas conquistas. (Entrevistado 2)

No passado nós não tínhamos conhecimentos dos nossos direitos, por falta de informação, e no presente com avanço da tecnologia podemos buscar mais informações sobre nossas lutas. (Entrevistado 3)

Na atualidade, essa comunidade possui trinta e nove famílias, e costumam realizar reuniões mensais para discutirem projetos para o desenvolvimento da comunidade, como por exemplo na área da agricultura assim também no incentivo à cultura local; além do mais com a certificação se fez necessário organizar uma associação para viabilizar melhorias para a comunidade que na visão dos entrevistados isso é de grande importância, visto que por meio de um órgão dessa magnitude o lugarejo tende a se desenvolver e superar as dificuldades que enfrentam, como foi exposto em entrevista, o Entrevistado 3 relatou as inúmeras dificuldades que a comunidade enfrentou e enfrenta nos dias atuais. O mesmo entrevistado vai além destacando que no passado por falta de conhecimento por parte dos moradores a situação era complexa mais que na atualidade com a existências da tecnologia fica mais viável procurar e lutar pelos direitos declarados na legislação³ ao qual estudamos e conhecemos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da auto identificação é algo complexo, visto que nessa conjuntura não se leva em consideração a cor da pele do indivíduo e sim as suas manifestações de pertencimento a determinado grupo. Mediante a essa observação concluímos que a cor da pele e estrutura física não pode ser usado como critério para definir o que um indivíduo é e sim a sua manifestação e autoafirmação torna, base primordial para solucionar o problema. Perante a esse seguimento de análise, podemos aglutinar a essa questão o posicionamento da legislação em relação a essa temática, uma vez que a mesma reconhece como critério para

³ Art. 68/ADCT/CF1988.

Decreto n. 4.887/03 – INCRA

Art. 3º do Desenvolvimento Agrário, por meio INCRA.

Art. 215 e 216 da Constituição Federal Brasileira.

determinação de comunidades como quilombolas a auto identificação, podemos observar também que esses critérios têm respaldo e reconhecimento no artigo 2º do decreto 4.887/2003. Além disso também podemos observar sua presença na convenção 169 da OIT, que também determina literalmente o critério da auto identificação como fator primordial para identificar os indivíduos de sua aplicação. No caso da comunidade estudada podemos observar algo coerente ao que foi comentado, sendo todos descendentes de um mesmo casal que fundou a comunidade, e diante dessa situação podemos perceber o fator miscigenação que ocorreu em todo Brasil desde o início da colonização destacando também um fator relevante que nesse caso a comunidade citada está no período contemporâneo e mediante a essa questão também foi tocada pelas consequências da miscigenação no decorrer do tempo. Com isso fica evidente que esses quilombolas com peles mais claras que os demais são também quilombolas tanto como os demais e o fator cor da pele não os fazem menor ou maior que os outros no que se refere a questão do pertencimento étnico.

Por meio da metodologia que usamos foi possível identificar essas particularidades que existem na comunidade, além de observarmos através das entrevistas podemos ver nos olhos dos entrevistados o orgulho de fazerem parte da comunidade, porém foi possível identificar em alguns momentos que a comunidade aguarda ansiosamente, sua inclusão nos programas destinados a povos tradicionais, visto que a mesma agora é certificada e se organiza por meio de uma associação que foi fundada pelos moradores, com o nome de Associação de Desenvolvimento Social da Comunidade Descendente de Quilombo-Sítio Rolas.

Outro fator importante que destacaremos aqui é a questão da memória coletiva que ali existe tendo em vista que foi construída ao longo do tempo a partir do momento em que a população foi aumentando e por meio disso as narrativas e a história do lugar foram sendo transmitidas e são de conhecimento de todos os habitantes da comunidade. Para Michael Pollak (1992, p. 202) além dessas diversas projeções, que podem ocorrer em relação a eventos, lugares e personagens, há também o problema dos vestígios datados da memória, ou seja, aquilo que fica gravado como data precisa de um conhecimento.

É importante salientar aqui, a temática quilombola no que se refere as suas fases no decorrer da sua existência, seja no período escravocrata, e também na era atual, visto que antes de 1888 os quilombos lutavam contra uma realidade “diferente”. Tem relação aos quilombos contemporâneos que surgem após a promulgação da constituição de 1988 100

anos após a abolição, sendo transformados em movimentos que em sua essência visam resistir culturalmente e ao mesmo tempo a lutar pela terra. Para tanto, se faz necessário distinguir o que foram os quilombos durante o período escravocrata e o que são as comunidades quilombolas contemporâneas, levando em consideração que na atualidade os quilombos estão inseridos em objetivos mais abrangentes sendo até mesmo inseridos a movimentos de lutas que estão além dos objetivos quilombolas como por exemplo as questões políticas partidárias.

5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristóvão. SANTANA, Aline Cristine. **Identidade Quilombola e reconhecimento étnico: uma abordagem dos estudos culturais em comunicação.** Intercom – Sociedade Brasileira de estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul – Chapecó – SC, 2012.
- BACELAR, Jefferson e Caruso, Carlos (org). **Brasil: um país de negros?** Rio de Janeiro, Pallas; Salvador: CEAO, 1999.
- BARBOSA, W. D. N. **Cultura Negra e dominação.** São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- BOXER, C. R. **Os Holandeses no Brasil (1624-1654).** São Paulo: Nacional, 1961.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Agricultura, escravidão e capitalismo.** Petrópolis: Vozes, 1979.
- CASTRO, Antônio Barros de. **Escravos e senhores nos engenhos do Brasil: um estudo sobre os trabalhos do açúcar e a política econômica dos senhores.** Campinas, 1976.
- CRUZ, Tereza Almeida. **O Processo De Formação Das Comunidades Quilombolas Do Vale Do Guaporé.** In: XXVII Simpósio Nacional de História. Natal – RN, 22-26 de Julho de 2013.
- DOMINGUES, Petrônio, GOMES, Flávio. **História dos quilombos e memórias dos Quilombolas no Brasil:** Revistando um diálogo ausente na Lei 10,.639/03. Revista da ABPN, v. 5, n 11, Jul-Out, 2013, p. 05-28.
- FONSECA, D. J. **Políticas Públicas e ações afirmativas.** São Paulo: Selo Negro, 2009.
- GAZETA DE ALAGOAS. Maceió, 6 fev. de 1892.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11a Ed. Tradução: Tomaz Tadeu daSilva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil**: questões conceituais e normativas. Disponível em: www.xa.yimg.com/kq/groups/21569000/1973737197/name/Vol_iv_N2. 2000. Acesso em 09 de dezembro de 2020.

LIMA JUNIOR, Felix. **Escravidão em Alagoas**. Maceió: [s.n], 1974.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U.,2012, p. 11-24.

LUNA, Luiz. **O Negro na luta contra a escravidão**. Leitura: Rio de Janeiro, 1968.

MARCONI, Maria Andrade de; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe B., HOLANDA, Fabíola. **HISTÓRIA ORAL**: Como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MOURA, Clóvis. **Brasil**: as raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983.

O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAFAEL, Ulisses Neves. **Presença dos negros na historiografia alagoana: o discurso do silêncio**. Disponível em: [Presença dos negros na historiografia alagoana ulisses-neves.pdf](#). Acesso em: 24 de Julho de 2022.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe Maria. **Memória do cativo**: família, trabalho e cidadania no pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção de ser negro**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapes; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval. **Pesquisa Participante:** Alteridade e Comunidades Interativas. Instituto de Psicologia – USP, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças:** cientista, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, E. J. F. (2019). Entre vivências e lembranças de uma Comunidade Quilombola: história, memória e discurso. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil. Disponível em <http://hdl.handle.net/1843/30848>

SKIDMORE, T. E. **Preto no Branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930). São Paulo: Companhia das letras, 2012.

YABETA, Daniela, GOMES, Flávio. **Memória, cidadania e direitos de comunidades remanescentes** (em torno de um documento da história dos quilombos da Marambaia). Afro-Ásia, 47, 2013, p. 79-117.

SILVA, C.A. L. **A Toponímia Urbana de Pariconha-Alagoas:** Inventario e Analise. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia-AL, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/8326/1/A%20topon%c3%admia%20urbana%20de%20Pariconha%20Alagoas%20invent%c3%a1rio%20e%20an%c3%a1lise.pdf>. Acesso em 03/10/2022.

ANEXOS

NOSSO QUILOMBO, NOSSA MEMÓRIA



Em meados do século XIX, precisamente no ano de 1870, chega ao município de Mata Grande, vindo do município dos Currais dos Bois – Bahia, a jovem negra Ubalda Maria da Conceição. Segundo relatos da mesma aos seus filhos e netos, ela trabalhou como escrava para a família Teixeira, que foram os fundadores da extinta comunidade Campinhos de baixo.

Com o fim do período escravocrata, Ubalda casou-se com João Florêncio e tiveram seis filhos que se chamam Manoel, José, Posidônio, Siriaco, Maria e Cesária. Ubalda e João tinham o hábito de usar roupas brancas para irem às missas ou quando iam à cidade, e por isso eram chamados de “casal de rolinhas”, e a partir daí surgiu a denominação do casal como os rolas.

Assim surgiu a nossa comunidade Rollas, uma comunidade descendente de pessoas que foram escravizadas.

DOCUMENTO LIDO TODOS OS ANOS EM EVENTOS NA COMUNIDADE
(Arquivo pessoal dos moradores anciãos)



UBALDA MARIA DA CONCEIÇÃO (MÃE TUBADA)
Arquivo pessoal de Maria Bezerra dos Santos



CHAVES DA CASA ONDE VIVEU O CURANDEIRO JOSÉ FLORÊNCIO (ZÉ ROLAS)
Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



CHAVES E FECHADURAS DA CASA ONDE VIVEU O CURANDEIRO JOSÉ
FLORÊNCIO (ZÉ ROLAS)
Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



PATUÁ PERTENCENTE A JOSÉ FLORÊNCIO UTILIZADO COMO INSTRUMENTO
DE PROTEÇÃO

Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



ORATÓRIO PERTENCENTE AOS PRIMEIROS HABITANTES DA COMUNIDADE
SÍTIO ROLAS
Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



ORATÓRIO FEITO POR UBALDA
Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



PEÇA ANTIGA PERTENCENTE A COMUNIDADE (CHAVE E FECHADURA)
Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



BANCADA USADA POR JOSÉ FLORÊNCIO PARA BENZER AS PESSOAS
Arquivo pessoal de Pedro Florêncio dos Santos



PRENSA ARTESANAL PERTENCENTE À COMUNIDADE
Arquivo pessoal de Maria Alves dos Santos



ANCIÃO DA COMUNIDADE PEDRO FLORÊNCIO COM 92 ANOS
Arquivo pessoal do pesquisador



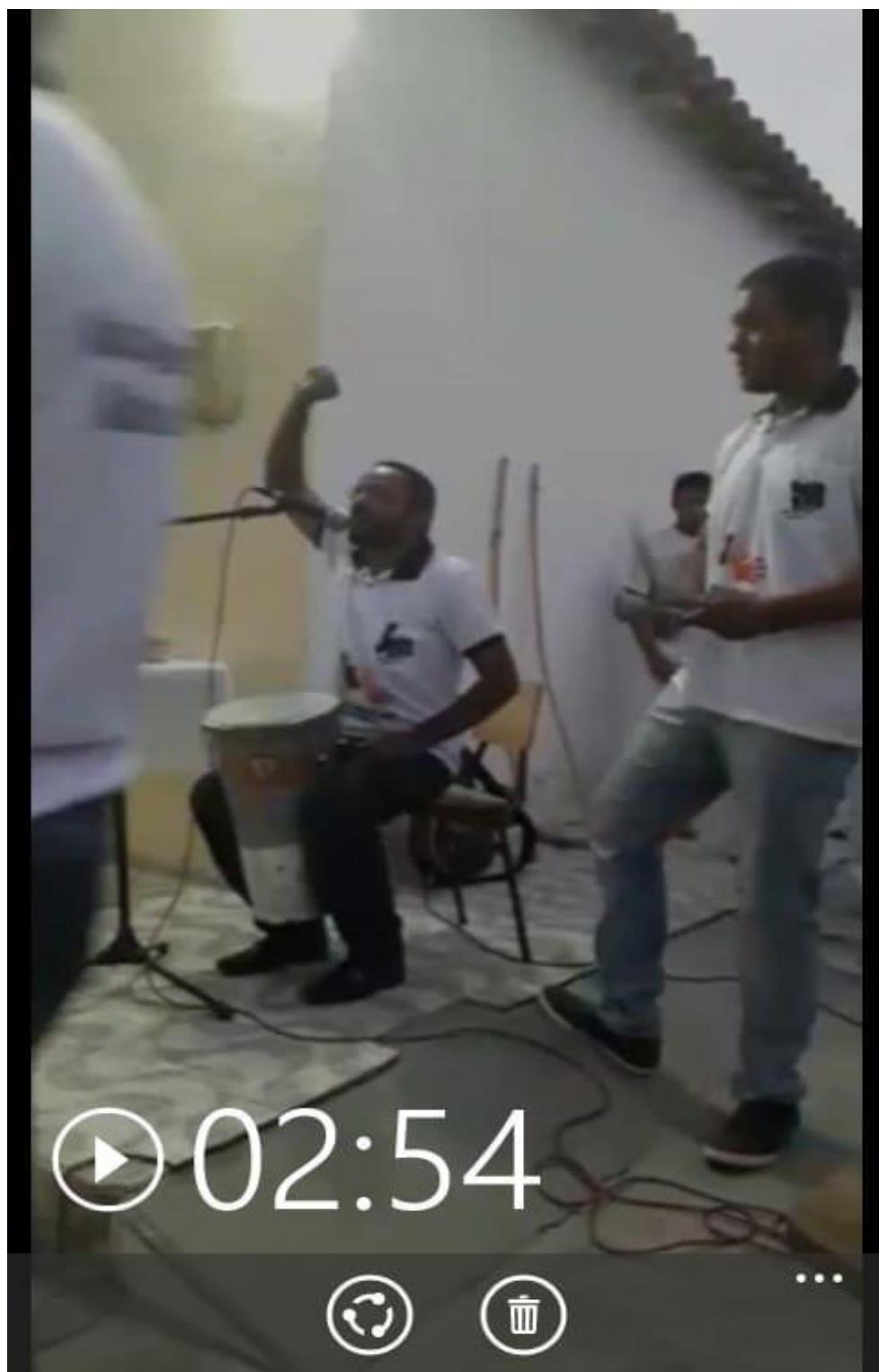
ANCIÃO DA COMUNIDADE ELIAS FLORÊNCIO 82 ANOS
Arquivo pessoal do pesquisador



EVENTOS DA COMUNIDADE
Arquivo pessoal do pesquisador



PRÁTICA ESPORTIVA DOS MEMBROS DA COMUNIDADE
Arquivo pessoal do pesquisador



EVENTO E CANTICOS CELEBRANDO A CULTURA E TRADIÇÃO
Arquivo pessoal do pesquisador



EVENTOS DA COMUNIDADE
Arquivo pessoal do pesquisador



EVENTOS DA COMUNIDADE
Arquivo pessoal do pesquisador



EVENTOS DA COMUNIDADE
Arquivo pessoal do pesquisador

Comunidades Quilombolas Certificadas - ALAGOAS

Relação das comunidades quilombolas situadas no Estado de Alagoas com certificação oficial dada pela Fundação Cultural Palmares.

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
01	Água Branca	Lagoa das Pedras	Certificada em 19/11/2009	50
02	Água Branca	Barro Preto	Idem	50
03	Água Branca	Serra das Viúvas	Idem	50
04	Água Branca	Cal	Certificada em 27/12/2010	50
05	Água Branca	Pov. Moreira de Baixo	Certificada em 02/02/2015	120
06	Anadia	Jaqueira	Idem	35
07	Arapiraca	Carrasco	Certificada em 13/03/2007	290
08	Arapiraca	Pau D'arco	Certificada em 07/02/2007	510
09	Batalha	Cajá dos Negros	Certificada em 19/04/2005	86
10	Belém	Serra dos Bangas	Certificada em 03/07/2014	80
11	Cacimbinhas	Guaxinim	Certificada em 13/12/2006	90
12	Canapi	Mundumbi	Certificada em 27/12/2010	64
13	Canapi	Sítio Alto de Negras	Idem	60
14	Canapi	Tupete	II	73
15	Carneiro	Sítio Lagoa do Algodão	II	50
16	Delmiro Gouveia	Povoado da Cruz	Certificada em 19/04/2005	72
17	Igreja Nova	Sapé	Certificada em 19/11/2009	100
18	Igreja Nova	Palmeira dos Negros	Certificada em 08/06/2005	220
19	Igaci	Sítio Serra Verde	Certificada em 27/12/2010	200
20	Japaratinga	Macuca	Certificada em 19/11/2009	27
21	Jacaré dos Homens	Alto da Madeira	Idem	45
22	Jacaré dos Homens	Povoado Porção	Certificada em 27/12/2010	30
23	Jacaré dos Homens	Povoado Baixa	Idem	77
24	Jacaré dos Homens	Povoado Ribeiras	Certificada em 07/02/2011	30
25	Monteirópolis	Paus Pretos	Certificada em 25/05/2005	200
26	Major Isidoro	Puxinanã	Certificada em 13/12/2006	62
27	Olho D'Água das Flores	Aguazinha	Certificada em 19/11/2009	30
28	Olho D'Água das Flores	Guarani	Idem	45
29	Olho D'Água das Flores	Gameleiro	Certificada em 10/04/2008	65
30	Olho D'Água do Casado	Alto da Boa Vista	Certificada em 07/04/2015	85
31	Pariconha	Burnio	Certificada em 19/11/2009	50
32	Pariconha	Melancias	27/12/2010	30
33	Pariconha	Malhada Vermelha	Certificada em 19/11/2009	15
34	Passo do Camaragibe	Bom Despacho	Idem	208
35	Passo do Camaragibe	Perpétua	Certificada em 27/12/2010	28
36	Piranhas	Sítio Laje	Idem	30
37	Piaçabuçu	Pixaim	Certificada em 19/11/2009	25
38	Pão de Açúcar	Chifre do Bode	Certificada em 28/07/2006	66
39	Pão de Açúcar	Poço do Sal	Certificada em 28/07/2006	37
40	Penedo	Tabuleiro dos Negros	Certificada em 01/03/2007	425
41	Penedo	Oiteiro	Certificada em 13/12/2006	160

42	Poço das Trincheiras	Jorge	Certificada em 08/06/2005	125
43	Poço das Trincheiras	Alto do Tamandua	Certificada em 19/04/2005	300
44	Poço das Trincheiras	Jacu	Certificada em 19/04/2005	85
45	Poço das Trincheiras	Mocó	Certificada em 19/04/2005	80
46	Palmeira dos Índios	Povoado Tabacaria	Certificada em 30/09/2005	92
47	Palestina	Vila Santo Antônio	Certificada em 05/05/2009	300
48	Palestina	Santa Filomena	19/11/2009	40
49	Santa Luzia do Norte	Quilombo	Certificada em 19/04/2005	350
50	Santana do Mundaú	Filús	Certificada em 28/07/2006	40
51	Santana do Mundaú	Jussarinha	Certificada em 19/11/2009	34
52	Santana do Mundaú	Mariana	Idem	35
53	São José da Tapera	Caboclo	Idem	50
54	São José da Tapera	Cacimba do Barro	Idem	35
55	Senador Rui Palmeira	Serrinha dos Cocos	Idem	25
56	Taquarana	Mameluco	Certificada em 13/12/2006	160
57	Taquarana	Lagoa do Coxo	Certificada em 27/12/2010	35
58	Taquarana	Poços do Lunga	Certificada em 07/06/2006	65
59	Taquarana	Passagem do Vigário	Certificada em 19/11/2009	170
60	Teotônio Vilela	Abobreiras	Idem	30
61	Teotônio Vilela	Birrus	Idem	32
62	Traipu	Belo Horizonte	Idem	60
63	Traipu	Uruçu	Idem	50
64	Traipu	Mumbaça	Certificada em 27/12/2010	401
65	Traipu	Lagoa do Tabuleiro	Idem	30
66	Viçosa	Gurgumba	Idem	25
67	Viçosa	Sabalangá	Idem	100
68	União dos Palmares	Muquém	Certificada em 19/04/2005	120
69	Água Branca	Sítio Queimadas	Certificada em 25/07/2018	xxx
70	Mata Grande	Saco dos Mirandas	Certificada em 12/05/2020	xxx
71	Pariconha	Sítio Rolas	Certificada em 11/08/2021	xxx

COMUNIDADES EM ESTUDO

Nº	MUNICÍPIO	COMUNIDADES	SITUAÇÃO	Nº DE FAMÍLIAS
1	Senador Rui Palmeira	Lajeiro Bonito	Em estudo	20



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPHISC/LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHHC) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Manoel Cícero dos Santos, CPF 67133565472 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 22-12-2021 e transcrita em 15-04-2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHHC) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Manoel Cícero dos Santos

Delmiro Gouveia, 22 de 12 2021



DECLARAÇÃO DE ACEITE

Eu, **ELIAS FLORÊNCIO DOS SANTOS**, sob CPF nº 259.262.764-20, após a leitura, esclarecimentos e compreensão deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo em participar espontaneamente da pesquisa supracitada.

Pariconha – AL, 22 de Fevereiro de 2020.

Elias Florêncio dos Santos

Elias Florêncio dos Santos
Neto da fundadora da Comunidade

Jaelson Florêncio dos Santos

Jaelson Florêncio dos Santos
Graduando em História e responsável pela pesquisa.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPHISC/LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHCH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Maria Selma dos Santos, CPF 53423410⁴³⁴ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 22-12-2021 e transcrita em 15-04-2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHCH) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Maria Selma dos Santos

Delmiro Gouveia, 22 de 12 20.21



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

AUTORIZAÇÃO

Eu, Maria Bezerra dos Santos, sob CPF nº 080 787 425-68, abaixo assinado(a), autorizo Jaelson Florêncio dos Santos, estudante de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de um artigo acadêmico, que tem como título **HISTÓRIA E ORALIDADE: Surgimento da Comunidade do Povoado Rollas (1890-2019)**, orientado pela Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo.

Pariconha, 22 de Fevereiro de 2020.

Maria Bezerra dos Santos

Assinatura do entrevistado



DECLARAÇÃO DE ACEITE

Eu, **PEDRO FLORÊNCIO DOS SANTOS**, sob RG nº 860.619, após a leitura, esclarecimentos e compreensão deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo em participar espontaneamente da pesquisa supracitada.

Pariconha - AL, 22 de Fevereiro de 2020.

Pedro Florêncio dos Santos

Pedro Florêncio dos Santos
Neto da fundadora da Comunidade

Jaelson Florêncio dos Santos

Jaelson Florêncio dos Santos
Graduando em História e responsável pela pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

AUTORIZAÇÃO

Eu, Jaelson Florêncio dos Santos sob CPF nº 259.262-764-20, abaixo assinado(a), autorizo Jaelson Florêncio dos Santos, estudante de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de um artigo acadêmico, que tem como título **HISTÓRIA E ORALIDADE: Surgimento da Comunidade do Povoado Rollas (1890-2019)**, orientado pela Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo.

Pariconha, 22 de Fevereiro de 2020.

Jaelson Florêncio dos Santos

Assinatura do entrevistado



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GEPHISC/LABEMIH

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

Ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHHC) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas.

Eu, Luiz Florencio dos Santos, CPF 814.579.104-97 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, tanto o áudio quanto o vídeo, previamente autorizados na data de sua realização, ocorrida em 22-02-2022 e transcrita em 23-02-2022 para que pesquisadores vinculados às instituições mencionadas ou sob sua supervisão possam utilizá-la com o objetivo restrito de guarda, análise, investigação, produção e divulgação de conhecimento científico, cultural e/ou pedagógico. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculada a disponibilidade dessa entrevista aos cuidados do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Cultural (GEPESHHC) e ao Laboratório de Ensino, Memórias, Identidades e Histórias (LABEMIH), do Campus do Sertão da Universidade Federal de Alagoas, que passarão a ter a guarda deste material.

Em conformidade com o exposto, subscrevo o presente documento.

Luiz Florencio dos Santos

Delmiro Gouveia, 24 de 02 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

AUTORIZAÇÃO

Eu, Jacina da Conceição Araújo, sob CPF nº 337.474.824-49, abaixo assinado(a), autorizo Jaelson Florêncio dos Santos, estudante de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de um artigo acadêmico, que tem como título **HISTÓRIA E ORALIDADE: Surgimento da Comunidade do Povoado Rollas (1890-2019)**, orientado pela Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo.

Pariconha, 22 de Fevereiro de 2020.

Jacina da Conceição Araújo
Assinatura do entrevistado